

VII - FATOS E "SERES" ESTRANHOS

Ainda em 1976 ocorreu o primeiro fato estranho depois do meu primeiro contato. Depois que chegamos em casa, ficamos muito tempo sem coragem de sair com o carro, que ficou estacionado em cima da calçada em frente ao prédio em que morávamos, na rua Maria Lopes, em Madureira, no Rio de Janeiro. Certo dia, acho que uns dois meses depois do contato, resolvemos ir à praia com as crianças. Quando começamos a limpar o carro, notamos que a lataria dele estava diferente, isto porque quando passávamos a esponja na pintura, em alguns pontos à tinta parecia uma cola, em outros safa, como se fossem pedacinhos de borracha. Quando olhamos o motor, estava cheio de manchas verdes, porém, quando ligamos, funcionou perfeitamente.

Salmos, eu, meu companheiro e meus três filhos. Fomos em direção à Barra da Tijuca. Quando chegamos na praça da Taquara, ao fazermos uma curva, o banco do lado do motorista afundou, caindo no chão. Foi muito difícil para o meu companheiro parar a carro, mas conseguiu sem ninguém se ferir. Ficamos muito impressionados, não pelo fato de o suporte do banco ter se partido, mas sim pela maneira como ele se partiu: para nossa surpresa, o metal não tinha se quebrado, mas estava como se tivesse sido esticado até romper-se. Fomos a uma oficina ali perto e o mecânico, ao soldar um novo suporte para o banco, fez um comentário:

– Estas ligas de metal estão cada vez mais estranhas. Esta parece que teve uma mistura de borracha. Depois de fazer esse comentário, o rapaz nos aconselhou a vender o carro, dizendo que ele estava muito perigoso.

Voltamos para casa e tornamos a colocar o carro em cima da calçada e passamos a observá-lo. As manchas verdes do motor continuaram a aumentar. A lataria ficava cada vez mais mole, a ponto de furar com a pressão do dedo. Eu não cheguei a anunciá-lo para venda, mas, um dia, à noite; estávamos todos em casa quando dois homens chegaram perguntando se não queríamos vender o carro. Dissemos que ele estava muito ruim, mas eles não se importaram, dizendo que só iriam usar o motor para colocar em uma lancha. Pagaram Cr\$ 14.000,00 e levaram o carro. No dia seguinte um deles voltou para pegar o recibo. Estes dois homens disseram que descobriram o nosso endereço em um posto de gasolina que fica na esquina da rua Maria Lopes.



Durante algum tempo não procuramos ninguém para falar sobre o contato com Karran, a não ser pessoas que nos conheciam e que ficavam intrigadas com a minha gagueira. Por esse motivo, às vezes, tínhamos que contar para estas pessoas o que nos acontecera. Após ouvir-nos, eles quase sempre não acreditavam e as que acreditavam demonstravam medo. Não foi um período muito bom.

Três meses depois do contato, o jornal “O DIA”, do Rio de Janeiro, trazia uma reportagem que nos chamou muito a atenção, por causa destas manchetes: – “Discos Voadores fazem Resgate”, e havia ainda outras manchetes na mesma pagina que diziam – “Sete astronautas morrem na Lua”, “Advogado, Universitária e Motorista viram OVNI”. Compramos o jornal, corremos para casa, e passamos a ler cuidadosamente toda aquela reportagem, que, para nós, veio como um grande achado, porque, até aquele momento, nós não sabíamos da existência de grupos de pessoas que se reuniam para falar dos seus contatos.

Enfim, havíamos descoberto a primeira entidade ufológica do Rio de Janeiro. Então, com aquele jornal datado do dia 12 de abril de 1976, reforçaram-se nossas esperanças de encontrar um grupo de pessoas que falassem do mesmo assunto que nós. Um lugar onde pudéssemos falar de Karran sem notar a descrença ou o medo no rosto das pessoas, como vinha acontecendo desde a primeira vez que falamos, que foi com minha irmã.

Alguns dias depois conseguimos descobrir o local onde esse grupo se reunia. Ligamos e marcamos um encontro com o líder do grupo para o dia seguinte às 14 horas, em sua residência. Quando lá chegamos, fomos recebidos pelo dono da casa e sua esposa. Nos apresentamos e falamos que tínhamos tido um contato de dois dias com pessoas de outro planeta e que era a primeira vez que falávamos com pessoas que também tinham contato. Imediatamente, nosso anfitrião, que estava sentado, levantou se e foi até seu quarto. Quando ele voltou, trazia em suas mãos um gravador. Colocou-o perto de nós e foi logo dizendo:

– Farei algumas perguntas durante o relato que vocês farão para pesquisa.

Eu fiz outra pergunta.

– Que pesquisa, professor?



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

– Para termos certeza sobre a veracidade do caso de vocês! – ele explicou.

Começamos então nosso primeiro relato para pesquisa. Nesta época, eu tinha muita dificuldade para falar, por causa da minha gagueira. O dono da casa e sua esposa tiveram muita paciência comigo e gravamos das 14 horas e 30 minutos até às 20:00 horas.

Durante a gravação, notei o interesse dele pela aparência de Karran, por sua roupa, sua nave. Falamos bastante sobre tudo isto, mas não foi cansativo. Nós estávamos felizes, principalmente porque, quando nós estávamos para sair, nosso anfitrião nos fez um convite para comparecermos a sua casa no dia seguinte, onde seríamos apresentados ao resto do grupo e também participaríamos de uma reunião, aonde iríamos novamente estar em contato com os “seres”, termo usado por ele, todas as vezes que se referia às pessoas de outros planetas. Ficamos eufóricos, a ponto de quase não conseguirmos dormir, pois, afinal, o dia seguinte seria mais um dia de contato para nós.

A reunião estava marcada para as 19:00 horas, mas o dono da casa nos pediu para chegarmos às 18:00 horas, para que tivesse tempo de nos apresentar ao grupo, porque às 19:00 horas os “seres” começariam a se comunicar. Nossa ansiedade era tanta que às 17 horas e 30 minutos nós chegamos em sua residência. Quando lá chegamos, encontramos várias pessoas do grupo, que já estavam ouvindo a gravação que tínhamos feito no dia anterior.

Foi então que surgiu o primeiro problema: todos queriam saber qual era a mensagem de Karran para o planeta Terra. Eu disse que não havia mensagem, mas eles insistiram dizendo que, provavelmente, nós ainda não confiávamos no grupo para relatar tão grande segredo. Achei aquele assunto muito estranho, porque, quando nós estávamos com Karran, em nenhum momento ele me disse algo como vá e diga a seu povo isto ou aquilo. Não quis ficar pensando neste assunto, porque havia outro no momento que, para mim, era mais importante.

Quanto ao contato com seres de outro planeta e que teria início às 1900 horas, eu não sabia como seria feito e nem estava preocupada com este detalhe, porque, para mim, estar em contato significava estar com eles



pessoalmente ou falar com eles através de um aparelho de comunicação. Por este motivo, desta vez, eu estava preparada para fazer perguntas que não fiz no meu primeiro contato com Karran.

Às 18 horas e 50 minutos o chefe da sociedade ufológica dirigiu-se ao grupo dizendo: – “Só temos 10 minutos para o início de nossa reunião, não vamos nos atrasar, pois sabemos que os “seres” não gostam de esperar”. Neste momento, as pessoas que estavam do lado de fora da casa, começaram a entrar.

Notei uma mudança brusca em seus comportamentos, pois todos começaram a falar baixinho, e, ao atravessarem a sala, à procura de um lugar para se sentar, caminhavam devagar, procurando não fazer barulho algum. Eu e meu companheiro nos sentamos em um dos cantos daquela sala, próximo à porta de saída. Na parede, à minha frente, havia um crucifixo de tamanho médio e, logo abaixo dele, uma mesa pequena com uma toalha branca. De repente notei que todos naquela sala estavam calados e com a cabeça baixa. Neste momento, o chefe do grupo e sua esposa diminuíram a luz do ambiente e caminharam em direção ao crucifixo. Ficaram de frente para ele. Era o início do tão esperado contato para mim.

O líder deu início a algumas orações, como a Ave Maria, o Pai Nosso e o Credo. Enquanto todos rezavam, ele retirou o crucifixo da parede vagarosamente virando-o para nós. Sempre devagar e com a cruz nas mãos, ele fez um giro apontando-a na direção de cada um dos presentes. Quando as orações estavam terminando, ele colocou o crucifixo no centro daquela mesa, ficando então os dois de frente para os presentes. Depois, os dois se colocaram de frente um para o outro e se cumprimentaram abaixando a cabeça. Em seguida, a dona da casa se sentou e o professor continuou de pé, dizendo:

– “Respirem profundamente, relaxem e procurem se concentrar nos “seres” para não bloquearem o canal de comunicação”.

Em seguida, ele também se sentou, colocando os cotovelos em cima da mesa e as palmas das mãos na cabeça.

Diante dele havia um bloco de papel e uma caneta. Agora pairava um silêncio profundo naquela sala. De repente este silêncio foi quebrado com a voz do anfitrião e líder do grupo que dizia:



“Estou sentindo a aproximação do ser”. Neste momento, eu me virei para a porta esperando a entrada desta pessoa, mas isto não aconteceu. Ouvi apenas a voz do professor dizendo: – “O ser quer se comunicar e eu estou pronto”. Vi quando o dono da casa pegou a caneta e a segurou pelo meio deixando suas mãos bem soltas e a caneta apontada para o papel que estava à sua frente.

Não demorou muito e sua mão começou a trepidar. Então, ele abaixou a caneta até o papel e esta trepidação de sua mão não parou. Com rapidez, a caneta batia no papel deixando-o cheio de traços e pontos. Quando duas páginas estavam cheias, o contato escrito havia terminado. O líder soltou a caneta sobre a mesa e puxou o ar com força. Neste momento, todos ali presentes levantaram a cabeça e olharam para o chefe que exibia aquelas páginas já destacadas do bloco exibindo um largo sorriso de satisfação e os presentes suspiravam e exclamavam palavras de contentamento como estas: – “Que maravilha! Obrigado meu Deus! Fantástico!” etc. Até então eu não estava entendendo nada. E tudo se tornou ainda mais estranho quando o chefe do grupo entregou as duas páginas a sua esposa, que até aquele momento estavam os olhos fechados, tendo apenas o semblante feliz. Ouvi, então, novamente a voz de seu marido, que dizia:

– Traduza para nós, irmão, sua mensagem.

Ela, então, abriu os olhos e, antes de traduzir, olhou fixamente para cada uma das pessoas ali presentes, menos para nós.

Seu olhar passava por cada um dos presentes como se estivesse vendo sua alma. Muitos chegavam mesmo a desviar o olhar. Depois, como se estivesse em transe, ela começou a ler o que seu marido havia escrito. Nesta mensagem o “ser” saudava todos os presentes, inclusive a nós. Começou dizendo que o grupo estava para passar por uma grande transformação coma chegada dos novos membros.

Disse também que Karran havia sido convidado a fazer parte daquele grupo e havia aceitado. Falou sobre outras coisas como poluição do planeta, energia atômica e final dos tempos. Porém, uma coisa me intrigou muito. Foi a maneira como o tal “ser” se referiu a Karran, como sendo um comandante galáctico. Eis o que ele disse:



– Convidamos o comandante intergaláctico, Karran, para fazer parte do nosso grupo e ele aceitou.

– Então o dono da casa disse que cabia a ele, como líder do grupo aceitar o seu contato ou não, e, depois dessa explicação, afirmou; “Eu aceito estas duas pessoas como membros do grupo”. Tudo isto fez-me enorme confusão, porque, quando estive com Karran, perguntei se ele era comandante da nave. Ele disse que não e que fazia parte de um grupo de pessoas que vieram com o objetivo de estudar nosso comportamento e desenvolvimento técnico, físico e mental e que, portanto, ele não era comandante.

Não tive meios para retrucar a esta afirmação do tal “ser”, porque todos ali estavam maravilhados com o que acabavam de ouvir. Foi feito um grande silêncio para que o “ser” pudesse se retirar. Quando a dona da casa voltou ao normal todos contavam para ela a maravilhosa mensagem que eles tinham acabado de receber. Todos me cumprimentavam por termos sido aceitos no grupo.

Depois fomos fazer um lanche que a anfitriã havia preparado para todo o grupo. Enquanto lanchávamos, tomamos conhecimento dos dias de reunião do grupo e fomos quase intimados a comparecer, por duas pessoas. Uma delas era uma espécie de secretário do líder e outra me foi apresentada como um dos telepatas do grupo.

Tudo aquilo era tão novo para mim e aquelas pessoas tão atenciosas, que, mesmo sem entender este tipo de contato, resolvemos voltar nas reuniões seguintes. Todas as vezes que terminavam as comunicações eles queriam saber se Karran havia falado telepaticamente comigo. Eu sempre dizia que não porque era isto que tinha acontecido. Eu não sentia nada durante as reuniões.

Certo dia fomos convidados a estar na casa do líder do grupo num domingo à tarde, mais precisamente às 1500 horas, para fazermos uma gravação, dessa vez com a presença de outros membros do grupo. Nesse dia, naquele horário, não havia muita gente, talvez umas seis ou sete pessoas. Começamos então a relatar para aquelas pessoas tudo que havia acontecido em nosso primeiro contato. O chefe do grupo gravava tudo o que dizíamos, mas, durante a gravação, aconteceu algo que me deixou bastante espantada. O secretário do chefe começou a falar e desta vez dizia:



– Irmãos, eu sou Karran. Vim para dizer a vocês que podem revelar ao grupo tudo aquilo que lhes proibi de dizer. Vamos irmãos, falem: eu estou aqui para lhes dar apoio para que vocês não sintam que estão traindo um amigo.

Olhei para o meu companheiro e realmente não sabíamos o que fazer porque Karran não nos mandou falar nada para ninguém, mas também não nos proibiu de dizer coisa alguma. Portanto aquele “Karran” estava muito estranho para nós. Como nós não tínhamos o que dizer, olhei para o secretário do líder do grupo e disse:

– Você é mesmo Karran?

Ele olhou-me e disse:

– Não está me reconhecendo irmã Bianca?

– Não, eu não estou reconhecendo você, mas se é mesmo Karran, conte você mesmo ao grupo o que nos proibiu de dizer.

Nesse momento o tal Karran subiu, e foi à vez do telepata receber a comunicação.

Eis o que ele nos disse:

– Irmãos, eu sou Zaran, quem lhes ministrou conhecimentos espirituais dentro da nave.

A confusão ficou ainda maior, porque nós não tínhamos conhecido nenhum Zaran dentro da nave, apenas Karran havia falado conosco. Quando dissemos isto o líder interrompeu a comunicação de Zaran dizendo:

– Suba irmão, suba, eles têm ainda muita coisa para aprender, ainda não estão preparados para estas revelações.

A partir de então nosso relato seguiu sem novas interrupções.

Ficamos para a reunião da noite que, por sinal, seria muito importante, porque o “ser” iria estar presente para tocar um dos membros do grupo. Era como se fosse a consagração máxima que um membro do grupo podia ter.



A reunião começou como todas as outras, mas desta vez, havia uma diferença, pois o “ser” estaria presente em pessoa para dar este toque. Depois do ritual de abertura ouvi a voz do líder que dizia: – “O ser está se aproximando. Peço que todos aqui presentes mantenham os olhos fechados para que o ser possa ter mais liberdade entre nós. Prepare-se irmão, para sentir a presença do ser”.

A pessoa que ia ser consagrada estava muito emocionada, tremendo e rezando. Eu estava com a cabeça baixa, mas não fechei os olhos. Por este motivo vi quando o dono da casa veio caminhando para o centro da sala dizendo: “O ser está me dizendo que vai tocar sua testa. Prepare-se para sentir este toque irmão’*. Fez-se um breve silêncio, nosso anfitrião esticou o braço e tocou o dedo indicador na testa do rapaz, levemente. Depois de retirar o dedo ele perguntou: “O ser já tocou sua testa irmão! Você sentiu?” E foi em meio a muitas lágrimas de emoção que o rapaz respondia que sim. Em seguida o chefe do grupo disse que o “ser” estava se despedindo e indo embora e que todos podiam abrir os olhos e levantar a cabeça. Quando a luz foi aumentada vi como todos estavam emocionados. Correram para o rapaz e um dos membros do grupo ligou o gravador para pegar o seu depoimento.

Confesso que nada ali havia me chocado tanto. Levantei-me rapidamente e comecei a despedir-me para ir embora. Todos insistiram para que ficássemos para lanchar, mas eu não quis, dizendo que já era tarde e eu tinha deixado as crianças, havia muito tempo. No caminho contei ao meu companheiro o que eu tinha visto.

No dia seguinte voltei à casa do chefe do grupo e contei para sua esposa que eu tinha visto quando o seu marido havia posto o dedo na testa do rapaz. Ela tentou me convencer que esta era a única maneira dos seres estarem entre nós. Quando percebi que eles não tinham contato, me retirei para não mais voltar. Em uma daquelas reuniões conheci um rapaz chamado Carlos Arthur da Rocha, mais conhecido como Carlos Sideral, quem deu início à divulgação do nosso caso no meio ufológico.

